

APROXIMAÇÃO ENTRE WOJTYLA E FRANKL EM RELAÇÃO AO AMOR E À AUTOTRASCENDÊNCIA

APPROXIMATION BETWEEN WOJTYLA AND FRANKL IN RELATION TO LOVE AND SELF-TRANSCENDENCE

Luís Enrique Paulino Carmelo
<http://lattes.cnpq.br/7627905147535050>

RESUMO

O presente trabalho objetivou fazer uma aproximação entre pontos da filosofia personalista de Karol Wojtyla em relação ao amor e conceitos da antropologia de Viktor Frankl relacionados à autotranscendência. Trata-se de pesquisa do tipo qualitativa de natureza exploratória e explicativa, onde foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na qual explorou-se textos e teóricos nas obras e conferências dos referidos autores, além de seus próprios escritos. O conceito de amor relacional que faz o homem sair de si e ir ao encontro do outro em Wojtyla e a Antropologia de Frankl deram suporte para buscar os consensos e complementos entre os autores. Para ambos os autores, o homem possui uma unicidade e irrepitibilidade e ainda uma totalidade unificada, na qual há uma dimensão espiritual. Neste sentido, enquanto o personalismo de Wojtyla estimula uma resposta e a refutação ao individualismo, a teoria otimista e humanizadora de Frankl supera os reducionismos e cinismos que se espalham na psicoterapia. O amor humano é campo fértil para provocar o homem à autotranscender-se e encontrar seu lugar fora de si mesmo, em uma resposta de amor. Faz-se notar que o conceito de amor de Wojtyla e a autotranscendência de Frankl, parecem soar - salvo a individualidade de cada autor - em uníssimo quanto àquilo que é constitutivo do ser pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia, Logoterapia, Personalismo, Sentido da Vida.

ABSTRACT

The present work aimed to gather the personalist philosophy from Karol Wojtyla in relation to love and the anthropological concepts from Viktor Frankl related to self-transcendence. This is a qualitative research of an exploratory and explanatory nature, where a bibliographical research was carried out, in which texts and theorists in the works and conferences of the

referred authors were explored, in addition to their own writings. The concept of relational love which forces the man out of himself and obligates him to meet the other from Wojtyla and the ten theses from Frankl supported the search for consensus and complement between both authors. For both authors the man owns a unicity and unrepeatability, and also a unified totality, in which there is a spiritual dimension. In this manner, while Wojtyla's personalism stimulates an answer and the refutation to individualism, the optimistic and humanizing theory from Frankl overcomes the reductionisms and cynicisms that spread on psychotherapy. The human love is a fertile field to provoke the man into self-transcendence and into finding his place out of himself, in a response of love. It is noted that the concept of love from Wojtyla and the self-transcendence from Frankl sound like presenting the same meaning regarding what is constitutive of the being human, despite the individuality of each author.

KEY WORDS: Anthropology, Logotherapy, Personalism, Meaning of life.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes legados do filósofo personalista e teólogo Karol Wojtyla (1920-2005) fora seus escritos a respeito do amor, da responsabilidade e da pessoa humana em suas relações interpessoais. Durante décadas, Wojtyla se dedicou – quer como professor acadêmico, como padre e até mesmo de sua cátedra papal – em apresentar aos seus ouvintes um vasto conteúdo sobre questões que concernem a essa temática. A sua fascinação e seu profundo amor pela pessoa humana o fizeram debruçar nessas questões ao longo de sua vida.

A necessidade de se viver a afetividade, a sexualidade, as relações interpessoais de modo saudável e a quebra da visão utilitarista, juntamente com o imperativo da transcendência são algumas das marcas de seu tratado. Este legado se tornou mais popular através das suas 133 catequeses papais, realizadas para os fiéis entre 5 de setembro de 1979 até 28 de novembro de 1984 na praça de São Pedro, denominadas, em seu conjunto, Teologia do corpo. O biógrafo de João Paulo II, George Weigel certa vez disse – referindo-se a esta obra – que esse conjunto de textos e ensinamentos do papa são “uma espécie de bomba-relógio teológica, programada para explodir, com consequências dramáticas, algures no terceiro milênio da Igreja” (Weigel apud West, 2008, p,19). Weigel afirma ainda que, essas catequeses são “uma das mais arrojadas reconfigurações da teologia católica em séculos” (Weigel apud West, 2008, p,16)

Contemporâneo de Wojtyla e amante da filosofia e da pessoa humana, Viktor Frankl (1905-1997), que por caminhos distintos do papa polaco, colocou-se a especular e a contribuir – com seus escritos, conferências e atendimentos psiquiátricos – para devolver ao homem sua dignidade e desvencilhá-lo das pseudociências que os atavam aos reducionismos e ao niilismo de sua época. A teoria do médico psiquiatra, judeu e austríaco resultou no desenvolvimento da Logoterapia, escola que explora o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência.

KAROL WOJTYLA

Karol Wojtyla (1920-2005), que em outubro 1978 viria a ser conhecido mundialmente como papa João Paulo II, foi, indubitavelmente, um dos grandes homens da atualidade. Sua envergadura deve-se não só à sua louvável ação pastoral enquanto pontífice, mas à sua profunda competência em falar sobre o homem e seus mistérios. Uma biografia que pretendesse apresentar Wojtyla deveria ser tão volumosa quanto fora seu legado e tão viva e criativa quanto fora esse dramaturgo, filósofo, teólogo, místico e apreciador do simples. Wojtyla foi um homem do qual se lembrarão as gerações.

Em seu falecimento, em 2 de abril de 2005, o mundo assistiu a um funeral que, até o presente, foi o maior e o mais plural. O mundo despedia-se com profunda gratidão e pesar deste homem que soube cativar e fazer da sua vida dom à humanidade. A vida de Wojtyla foi um monumento. Os celeiros de sua existência foram fartos e, do que lá deixou armazenado, temos o prazer de saborear e desfrutar.

Dentre as contribuições que o autor deixou, cabe, neste trabalho, uma reflexão sobre sua visão de homem e, posteriormente, uma apresentação sobre seu conceito de amor.

A ANTROPOLOGIA DE WOJTYLA

Para Wojtyla (1979), o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não pode ser compreendido senão o afastando da ideia reducionista de indivíduo da espécie e passando a compreendê-lo enquanto mistério que se revela na pessoa. Para o autor, somos um todo e distinto das demais realidades visíveis (Wojtyla, 1979). Em sua exortação apostólica

Christifideles Laici, Wojtyla nos apresenta a pessoa como sendo consciente, livre, capaz de se auto possuir e auto doar-se, “centro e vértice de tudo o que existe sobre a terra (Wojtyla, 2008, p.99).

Wojtyla diz que a pessoa humana é única e irrepetível, ou seja, o indivíduo é “irreduzível a tudo o que queira esmagar e anulá-lo no anonimato da coletividade, da instituição, da estrutura, do sistema” (Wojtyla, 2008, p.100). E esta unicidade e irrepetibilidade é ainda uma totalidade unificada, na qual há uma alma que se exprime no corpo, e um corpo “informado por um espírito informal” (Wojtyla, 1993, p. 82).

Para o autor, há na pessoa humana uma inviolabilidade, uma dignidade tal e tamanha que a faz ser um bem por si mesma. Na contramão do que se prega e se propaga pelas visões utilitaristas, materialistas e hodiernas, a pessoa não vale por aquilo que tem, mas pelo que é. “Não são tantos os bens do mundo que contam, mas o bem da pessoa, o bem que é a própria pessoa.” (Wojtyla, 2008, p.99).

Convocando à discussão o filósofo Alemão Emanuel Kant, “adversário convicto do utilitarismo” (Wojtyla, 1979, p. 27), Wojtyla irá tecer suas críticas a todas as formas de tratar o homem como um meio, que acentue a máxima do prazer e a utilidade da ação. Para ele, bem como para Kant, “a pessoa nunca deve ser só o meio, mas sempre também o fim da nossa ação” (Wojtyla, 1979, p. 27). Além dessas faculdades e dimensões próprias do homem, que lhe garantem e lhe asseguram sua dignidade, Wojtyla ainda sublinha o caráter sagrado da pessoa, que mesmo sendo por vezes violado e desprezado não pode ser anulado (Wojtyla, 2008).

Era desejo do pontífice que, com todo vigor, se difundisse e afirmasse a dignidade pessoal de todo ser humano. “Ele não pode ser uma ‘coisa’ ou um ‘objeto’, de que se sirva, mas é sempre e apenas um ‘sujeito’, dotado de consciência e liberdade, chamado a viver de forma responsável na sociedade e na história, orientado para os valores espirituais e religiosos” (Wojtyla, 2008,p.16).

Dentro desta temática, Wojtyla apresenta, aquilo que diz ser a dimensão fundamental que proporciona uma antropologia adequada, a pessoa como abertura, como sujeito relacional. Em um dos seus tratados sobre o amor humano no plano divino, Wojtyla (2014) traz o relato bíblico

que apresenta o homem em sua solidão original. “Não é conveniente que o homem (macho) esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (Genesis 2,18).

Sem adentrar, necessariamente, em questões exegéticas, busca-se compreender a visão personalista de Wojtyla ao evocar essa passagem para tratar de uma dimensão constitutiva do homem. Nesse relato bíblico, o autor destaca duas palavras: “Só” e “auxiliar”. O fato de não ser bom que esteja “só” e a necessidade de dar-lhe uma “auxiliar” evidenciam o “quão fundamental e constitutiva para o homem é a relação e a comunhão das pessoas” (Wojtyla, 2014, p.74). Ou seja, há uma característica particular da existência humana que é precisamente a possibilidade e a necessidade de doar-se. Wojtyla diz que, ao Deus - Javé - afirmar a não conveniência da solidão humana, evidencia que o homem não realiza totalmente sua essência se não viver como sujeito relacional, se não houver comunhão das pessoas. “Comunhão das pessoas significa existir num recíproco ‘para’, numa relação de recíproco dom; e esta relação é exatamente “o fim da solidão original do homem” (Wojtyla, 2014, p. 74).

Assim, compreende-se que homem e mulher foram criados para unidade, sendo a pessoa sujeito relacional, um constante ‘ser-para’ e ‘ser-com’, e desde sua criação o homem é chamado a autotranscendência, que o faz sair de si e ir ao encontro do outro.

O personalismo é transcendente, seu *ethos* é altruísta: “leva a pessoa a fazer-se dom para os outros e a encontrar alegria no doar-se”. (Wojtyla, 1994).

Deste modo, Wojtyla apresenta sua antropologia de modo tal que a liberdade da pessoa humana não seja vivida sem responsabilidade, o que constituiria a antítese do amor. Assim sendo, ser pessoa perpassa pelas diversas dimensões próprias do homem, mas, de modo sublime, ser pessoa é ser na autotranscendência que apela ao amor.

VIKTOR FRANKL

Viktor Emil Frankl (1905-1997), segundo muitos críticos de psicologia, é considerado um dos pensadores mais importantes depois de Freud e Adler. Sua importância se deve não só à sua propriedade – e até mesmo autoridade em falar do sofrimento humano, uma vez que este autor sofreu as barbáries do campo de concentração nazista –, mas também à sua teoria otimista e

humanizadora que supera os reducionismos e cinismos que se espalham na psicoterapia (Frankl, 2010).

Professor de Neurologia e de Psiquiatria da universidade de Viena e Doutor *honoris causa* por dezoito universidades de diferentes lugares do mundo, Viktor Frankl iniciou, ainda criança, suas indagações sobre o sentido da vida e sua estranheza frente a um espírito niilista e pessimista que se alastrava em seu tempo. O próprio Frankl conta que, certa vez, na escola em que estudava, escutou de uma de suas professoras que a vida nada mais era do que um processo de combustão e oxidação. Neste momento, o pequeno Frankl – com apenas 13 anos– levantou-se e perguntou a ela: “Que sentido tem então a vida?” (Frankl, 2005).

Ao Longo de sua história, Frankl se dedicou a encontrar respostas adequadas que pudessem superar os reducionismos e o pessimismo, apresentando assim uma teoria que enxergava além dos processos de condicionamento, de pulsões, de busca de poder e de prazer.

Para Frankl, a pessoa é mais do que os ‘nada mais que’. Ela é livre e responsável, é única e irrepetível, é autora de sua história e sedenta de sentido, capaz de autotranscender e de descobrir a vida como chamado, missão.

A ANTROPOLOGIA DE VIKTOR FRANKL

Para melhor compreender a visão de Frankl sobre a pessoa humana, faz-se necessário olhar para sua antropologia.

A PESSOA HUMANA É UMA UNIDADE E TOTALIDADE.

Frankl apresenta as dimensões psico-física-espiritual, próprias do homem, como uma “unidade apesar da diversidade” (Frankl, 2005, p. 20). Ele diz que, tratando-se das abordagens científicas, abre-se espaço para a diversidade, todavia, perde-se por vezes a unidade do homem. (Frankl, 2005, p. 50).

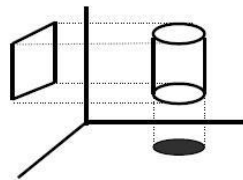
Faz-se necessário, para tanto, compreender que o homem não se limita à sua condição psíquica, pois levaria a um reducionismo do tipo psicologismo, nem muito menos se encerra em sua

condição biológica, o que levaria ao mesmo erro, do tipo biologismo. Para entender o homem, precisa entrar na sua dimensão humana e não perder de vista que, longe de ser um ser fragmentado, é uma unidade, “apenas na dimensão humana tem lugar aquela *Unitas Multiplex*, como o homem foi definido por Tomás de Aquino. Essa unidade não é uma unidade na diversidade, mas ao contrário, é uma unidade apesar da diversidade” (Frankl, 2005, p.49). Para tanto, cabe adentrar no conceito de antagonismo psico-noético do autor.

Frankl propõe duas leis, nas quais utiliza recursos gráficos e analogias geométricas para apresentar as diferenças ontológicas e a unidade antropológica.

Na primeira lei, ele diz que: “Quando um mesmo fenômeno é projetado de suas dimensões particulares em dimensões diferentes, mais baixas do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão contraditórias entre si” (Frankl, 2013, p.34). Como mostra a figura 1.

Figura 1: Primeira Lei da Ontologia Dimensional



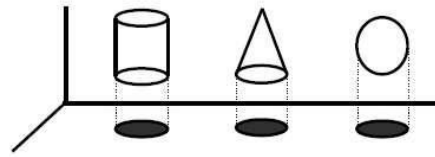
Fonte: Frankl, 2013, p. 34

A disparidade que se apresenta é a seguinte: no plano bidimensional, tem, nas linhas horizontais, um círculo; e, nas linhas verticais, um retângulo. Tais figuras – que se formam de um mesmo cilindro– são, indubitavelmente, diferentes entre si.

A segunda lei postula que “quando diferentes fenômenos são projetados de suas dimensões particulares em uma dimensão diferente, mais baixa do que sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão ambíguas” (Frankl, 2010, p. 35).

Assim sendo, se tiver, por exemplo, um cilindro, um cone e uma esfera, as sombras por elas projetadas no plano horizontal, mais baixo, formam figuras de mesma “natureza”. (Figura 2).

Figura 2: Segunda Lei da Ontologia Dimensional



Fonte: Frankl, 2013, p. 35

Desta forma, a primeira lei daquilo que Frankl chamou de ontologia dimensional, resulta em inconsistência, ou seja, o fenômeno foi projetado em dimensões diferentes e a segunda resulta em isomorfias, ou seja, os fenômenos foram projetados em dimensões iguais.

Frankl conclui que da mesma forma (metaforicamente falando) é o homem: se buscar projetá-lo em suas dimensões biológicas e psicológicas também obter-se-á resultados contraditórios, porque, no primeiro caso, o organismo biológico é resultado; no outro, é um mecanismo psicológico. Todavia, essa diferença não contradiz a singularidade do homem, a sua unicidade. Diferentes são as imagens, mas um só é o cilindro das quais as imagens resultaram.

Entretanto, há no homem, uma dimensão que Frankl denomina espiritual. Essa dimensão, constitutiva a ele, o faz ir além dos fenômenos somáticos e psíquicos. Nesse viés, a função do organismo é expressiva e instrumental, ou seja, são os meios e os recursos que cada pessoa tem para atuar e se expressar, porém, por ser espiritual, não limita o homem, nem o encerra (Frankl, 2002). Em decorrência disso, o homem não está limitado às suas características hereditárias, psicológicas e até mesmo sociais, mas é um ser livre e aberto. Essa liberdade permite ao homem até mesmo opor-se a esses aspectos de sua realidade e não responder tão somente em decorrência aos processos de condicionamentos, de seus estímulos externos ou aos impulsos internos (Frankl, 2002).

Ser espiritual faculta o homem, ou seja, é o que lhe permite “poder ser”, e não, simplesmente, deixar-se determinar, mas, sim, posicionar-se a cada momento. Pela sua abertura, há a capacidade do homem de se orientar para algo que não ele mesmo, de ir além de si mesmo, na busca de algo a realizar ou alguém a quem amar. Para Frankl, a existência acontece no espírito.

Há no homem, um dinamismo próprio, no qual abre-se a possibilidade de ele estar endereçado, intencionado a algo ou alguém. E nessa capacidade do homem, de esquecer-se de si mesmo e

caminhar para algo que não ele, é que encontra-se a autotranscendência e a realização do homem. Sobre isso, escreve Frankl: “assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando de si e concentrando seus pensamentos para além de si.” (Frankl, 2005 p.36).

Sendo para Frankl, a autotranscendência, a essência da existência, e a capacidade especificamente e constitutivamente humana.

Ao aproximar esses dois autores, é inegável que suas teorias, seus escritos filosóficos e a visão que tinham da pessoa humana tenham felizes coincidências.

Almada (2006) elenca alguns pontos daquilo que diz ser coincidências surpreendentes entre Karol Wojtyla e Viktor Frankl. Os dois viveram no mesmo século na Europa centro-oriental e sofreram com os mesmos males desse século: nazismo, comunismo, consumismo e relativismo. E por caminhos diversos se posicionaram e responderam a estas circunstâncias dramáticas, assumindo um forte compromisso de serviço a humanidade e de defesa à vida. Ambos tinham um amor pelas montanhas e eram alpinistas. Wojtyla e Frankl tinham forte relação com o teatro e com a narrativa literária.

Eles sustentavam visões muito parecidas no que tange o sofrimento humano e o sentido de realização pessoal que esse encerra. Os dois tinham em seus quartos a figura do “Ecce homo”. Max Scheler, fenomenólogo alemão, exerce em ambos forte influência. E, finalmente, para os dois autores, a paixão pela pessoa humana e a defesa pela vida, são marcas indelévels e os marcam, não só no discurso, mas também na prática.

Outros aspectos também possibilitarão colocá-los em franco diálogo. O conceito de amor, com o qual foi encerrada a apresentação de Wojtyla e a autotranscendência de Frankl, parecem soar, em uníssonos, quanto àquilo que é constitutivo do ser pessoa. Se de um lado Karol Wojtyla diz: “A pessoa é um ser para o qual a única dimensão adequada é o amor” (Wojtyla, 1994, p. 187); “A pessoa se realiza através do amor” (Wojtyla, 1994, p. 187) ou ainda, “É preciso sublinhar aqui que o amor é a realização mais completa das possibilidades do homem. É a máxima atualização da potencialidade intrínseca da pessoa (Wojtyla, 1979, p. 72).

De outro lado, na contemporaneidade e num enfoque personalista próximo ao encontrado em Wojtyla, Frankl diz que: “A autotranscendência constitui a essência da existência. (Frankl, 2013, p.67), ou, em outros termos, “Transcender-se a si mesmo é um constitutivo da existência humana” (Frankl, 2013, p.73).

Evidencia-se, ao fazer uma leitura em paralelo desses dois autores, a proximidade de suas colocações e a veemência de suas conclusões no que tange aquilo que é a pessoa humana, seu modo de ser e o imperativo categórico de sua realização.

Viktor Frankl apresentava e reiterava sua tese da autotranscendência humana e Karol Wojtyla (1994), não obstante, defendia com autoridade e maestria a norma personalista que, segundo o autor, “é a tentativa de traduzir o mandamento do amor na linguagem da ética filosófica” (Wojtyla, 1994. p. 186), e a ética Kantiana, que rejeita a ideia de alguém ser tratado como objeto de gozo, uma vez que não é próprio do amor usar o outro como um meio, mas vê-lo com um fim.

Para Wojtyla (1979), é no plano do amor que se encontra a realização mais completa das possibilidades do homem, e é nele que se encontra também, no homem, aquilo que é especificamente humano. Assim, para Frankl, é quando se vai além de se mesmo, ou seja, se é mais humano, mais pessoa, quando se autotranscende.

Para Viktor Frankl, a autotranscendência se subdivide em duas atitudes principais: algo a realizar e alguém a quem amar. Deste modo, ser pessoa é estar dirigido e intencionado a essas questões, é estar sempre em uma atitude espiritual de saída de si mesmo, seja em direção a um sentido a realizar, seja em direção a um outro ser humano a quem busca para um encontro de amor (Frankl, 2005, p. 84).

Para Wojtyla, a atitude do amor não seria outra que colocar-se em abertura a outra pessoa, numa busca de comunhão. Segundo ele, a pessoa traz como marca indelével, aquela sensação de solidão original. O homem experimenta existencialmente essa solidão, ao mesmo tempo em que se percebe necessitado de alguém que possa preencher tal vazio, sentindo necessidade de um semelhante que lhe possa levar a essa comunhão que aspira. Deste modo, há sempre uma busca, um anseio e uma abertura que o possibilita tocar o amor.

Em Frankl uma exemplificação desse dinamismo ajuda a compreender as atitudes autênticas do amor em Wojtyla. Frankl (2003), fazendo uso dos fundamentos da biologia humana, diz que, do mesmo modo que o olho humano é capaz de perceber o mundo que o cerca na medida em que é incapaz de ver-se a si mesmo, assim é a autotranscendência. É deixando-se e esquecendo-se de si mesmo que o homem se realiza e é autotranscendente:

Para Frankl, há uma distorção da existência humana na medida em que a pessoa não procura a si mesma, nem procura alguma pessoa tão somente por causa de si mesmo; mas, procura-se um tu, algo ou alguém fora de si. Em Wojtyla (1979), encontra-se essas distorções do amor quando o autor se refere ao subjetivismo dos valores, ao egoísmo dos sentidos e ao utilitarismo.

No subjetivismo dos valores, que não deve ser confundido com o aspecto subjetivo do amor, tem-se uma “deformação da essência do amor” (Wojtyla, 1979, p. 143). Neste, há uma busca acentuada e doentia nos elementos subjetivos a ponto de absorver parcialmente ou totalmente aquilo que é o valor objetivo do amor.

O amor deve estar sempre orientado para os valores objetivos, para o valor em si e ao bem do outro; mas, nesse subjetivismo, procura-se a si mesmo e torna-se doentio o movimento que deveria ser autotranscendente. Perde-se, como visto em Frankl, aquela atitude de ir ao encontro do outro esquecendo-se de si mesmo e busca-se, erroneamente, uma máxima de prazer, de obtenção, de sensações que dão ênfase ao sujeito. Deste modo, o prazer torna-se objeto, ao passo que todo o resto, incluindo a pessoa, são tão somente meios.

Se, de um lado existe o prazer como valor supremo e absoluto e como o critério interno dos atos humanos, de outro tem o egoísmo dos sentidos. Este, assim como o subjetivismo, desfigura o amor e é avesso a ele. O egoísmo volta-se para o sujeito da ação, fechando-o em si mesmo.

Há ainda uma outra crítica que Wojtyla tece: o utilitarismo. Para ele, não cabe na esfera do amor – muito menos é lícito e autêntico nas relações interpessoais – tratar a pessoa como um meio para alcançar um fim, usá-la como instrumento para qualquer ganho/proveito que disso possa se tirar. Nada pode justificar essa inversão e distorção, “[...] porque a pessoa não pode ser para os outros só um meio. É a própria natureza da pessoa, o que ela é, a excluí-lo. [...] Toda pessoa é, pois, por natureza, capaz de definir os próprios fins. Tratando-a unicamente como um

meio, atenta-se contra a sua própria essência, contra o que constitui o seu direito natural.” (Wojtyla, 1979, p.17).

Em Wojtyla, encontra-se que o contrário do amor não é tão somente o ódio. Em sua filosofia, o ato de amar tem como seu oposto também o de usar. E é exatamente no usar, no tirar proveito frente aquilo que é útil ao sujeito da ação que o utilitarismo coloca acento. Nessa filosofia, fugir da dor, do desagradável, e caminhar para o prazer seria o mote. O máximo possível de prazer, e o mínimo possível de sofrimento seria a centralidade do pensamento utilitarista.

O utilitarismo não leva a pessoa a encontrar o bem em si, presente na ação, nem o bem do outro, uma vez que o despersonaliza. Muito menos abre-se ao bem comum, enquanto encontro de amor e comunhão de pessoas. De acordo com Wojtyla, “o único modo de sair deste inevitável egoísmo é reconhecer, fora do bem puramente subjetivo, isso é, fora do prazer, o bem objetivo, que também ele tem condições para unir as pessoas, assumindo então o caráter do bem comum. Este é o verdadeiro fundamento do amor, e as pessoas que o escolhem em comum, a ele se sujeitam ao mesmo tempo. Graças a ele, ligam-se uma à outra por um autêntico, por um objetivo laço de amor, que lhes permite libertarem-se do subjetivismo e do inegável egoísmo que daí deriva. O amor é comunhão de pessoas.” (Wojtyla, 1979, p.28).

Para guiar e oferecer resposta frente à busca deste bem objetivo, Wojtyla (1979) diz que há uma forma de amor que seria o máximo daquilo que constitui a essência pura do amor: a benevolência. Esta seria uma forma de amar que se afasta dos interesses e do egoísmo, uma vez que “uma pessoa benevolente deseja isso sem pensar em si mesma, sem ter-se em conta a si” (Wojtyla, 1979, p.73).

Na esteira desse pensamento, está Frankl (2005) que, de outro modo, mas tocando na mesma problemática, fala das neuroses sexuais. Pode-se dizer que esta neurose seria uma atitude próxima ao que apresenta Wojtyla ao falar do utilitarismo e sua prole: o subjetivismo e o egoísmo.

Para Frankl, a neurose sexual seria uma preocupação demasiada em atingir o máximo do prazer, do orgasmo sexual, do desempenho, no qual o outro é um simples meio, do qual serve-se o

agente da ação. Aqui tem-se novamente a marca de uma relação objetal, na qual perde-se a pessoa humana, enquanto sujeito, e caminha-se para obtenção de prazer.

Em diversas obras e usando-se de muitos casos clínicos o psiquiatra austríaco mostra que diante destas neuroses sexuais, para Frankl (1955) o homem não pode, ao mesmo tempo, entregar-se ao amante e ao amor e estar voltado a si mesmo, buscando-se e preocupando-se com seus desejos e sua libido. Ou seja, quanto mais o amante observa-se a si mesmo, tanto menos pode estar absorvido na entrega ao amado.

Como antidoto, Frankl descreve o encontro de amor, que seria de modo amplo e sintético compreender a humanidade do parceiro e conhecer sua essencial unicidade. Neste encontro de amor, diz Frankl (2005) que, não se busca o outro ser humano como um simples meio para um fim, não instrumentaliza o parceiro simplesmente para reduzir as tensões, os instintos e a libido. Mas de modo maduro, vê no outro a sua verdadeira humanidade, uma outra pessoa e conseqüentemente sua unicidade. Quem ama, para Frankl (1978), concebe o amado em sua originalidade e singularidade, ou seja, um tu.

Essa colocação de Frankl coaduna-se com a visão da pessoa enquanto um ser autotranscendente e a exigência desta saída de si. Para ele, o homem só se torna completamente homem quando se dirige para algo ou para alguém. Motivar essa busca pelo prazer ou encerra-se a si mesmo são, inexoravelmente, distorções neuróticas e negação da autotranscendência.

Desta forma, tem-se em Frankl a constatação de que quando uma vida é baseada no prazer, no êxito, ou seja, naquilo que deveria ser consequência, acentuam-se os meios e se esquece, ou se inverte, as metas. O Homem, desta forma, ou se frustra ou caminha para uma distorção neurótica da satisfação.

Frankl (1978), ao citar o filósofo Kierkegaard, diz que este tinha razão ao declarar que bloqueia a porta da felicidade aquele que a tenta abri-la para dentro, uma vez que esta tem sua abertura somente para o lado de fora. Fazendo uso dessa citação e dessa metáfora, Frankl, de mais um modo, apela à consciência, para ver o fato primordial de que a abertura, se dá tão somente para fora, quando se está endereçados ao outro, ao mundo. Desta forma pode-se dizer que o homem, ou busca autotranscender em direção a um amor autêntico e, encontra como efeito

colateral/consequência, o prazer e a satisfação, ou rompe com este caminho, respondendo ao chamado do utilitarismo, busca diretamente o prazer e adoece no campo do hedonismo.

Frankl (2013) compara ainda a busca do homem a um instrumento de caça, o bumerangue. Sabe-se que este só volta ao caçador que o atirou à presa se ele tiver errado seu alvo. Assim, Frankl conclui que, da mesma forma, o homem só retorna a si mesmo após ter se frustrado em sua busca. E é o que observa-se acontecer nesses dois autores, quando a autotranscendência é negada e quando o amor não é vivido em seu estado mais humano e autêntico.

Wojtyla (2014), em suas catequeses sobre o amor humano, reiterava que, sozinho, o homem não realiza totalmente sua essência, fazendo-se necessário que a existência seja vivida com alguém, e ainda mais profunda e completamente existindo para alguém. E a exigência do amor, que se apresenta na comunhão das pessoas e evidencia-se na partícula “com alguém” convoca a autotranscendência – “para alguém” – a fim de que o amor seja vivido em sua plena abertura e entrega.

Parafrazeando Frankl, que disse que existência e logos exigem-se mutuamente, poder-se-ia dizer que amor e autotranscendência exigem-se mutuamente. Pensar em um modo de vivenciar o amor que não seja perpassando por aquela atitude de saída e esquecimento de si é cair no fatídico campo do utilitarismo. Por outro lado, uma autotranscendência que não esteja dirigida ao amor ou deixando-se guiar por ele será neurótica, se frustrará e adoecerá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, não se buscou esgotar toda a possibilidade de diálogo entre os dois autores, muito menos contemplar todo o campo que concerne ao amor e à autotranscendência na obra destes filósofos. Tal pretensão, ainda que resumida a apenas estes dois conceitos, demandaria uma obra volumosa e sem dúvida perpassaria por tantas questões que não foram contempladas com este estudo. Ao logo do texto e tendo apresentado um pouco da antropologia de cada autor, fica evidente pontos de convergência. A temática da liberdade, da responsabilidade, da singularidade do homem, de sua unicidade e dignidade, além, é claro, do amor e da autotranscendência são apresentados com certa similaridade em Frankl e em Wojtyla.

No entanto, cabe lembrar que, ainda que estejam próximos quanto à sua visão de homem, são dois autores distintos e certamente encontraríamos elementos contraditórios ou colocados sob prismas diferentes nestas teorias. Se, de um lado não se faz necessário grande esforço para encontrar felizes coincidências entre os dois autores, isso não é o bastante para criar uma falsa sensação de que Frankl e Wojtyla a todo o tempo estão em acordo em suas teorias.

É importante clarificar que, embora neste trabalho tenha se buscado o conceito de amor mais propriamente em Wojtyla, assim como o fez com a autotranscendência na obra de Frankl, fato é que ambos os autores trataram de apresentar em suas teorias ambos os conceitos. A escolha foi metodológica e não em decorrência de alguma carência que possa haver, ao menos frente a esses conceitos, nas obras de Frankl e Wojtyla.

Todavia, é evidente que há uma preferência dentro da visão antropológica e personalista de cada autor em debruçar-se mais sobre uma questão em particular e encontrar nela ricos elementos para apresentar, sua tese, as capacidades e as dimensões humanas.

E é desta forma que, consumindo-se nos estudos de Karol Wojtyla, percebe-se uma paixão e até mesmo uma vocação do autor em apresentar ao mundo – e contemplar em sua filosofia – a esfera do amor. Assim como há em Viktor Frankl uma fundamentação filosófica que abarca a autotranscendência e a coloca em destaque de tal maneira que não é difícil, ao se deparar com seus escritos, encontra-se, não poucas vezes, com este termo extenso e evocado por ele ao tratar da pessoa humana.

Deste modo, foi possível colocá-los frente a frente e abrir um diálogo profícuo, levando a tocar numa dimensão constitutiva do homem que se faz necessária ser conhecida e apresentada ao mundo.

Embora esses dois autores estejam algumas gerações abaixo da hodierna, são atuais e, em seus escritos, apresentam questões próximas das que hoje observa-se na sociedade. A oposição que tinham frente a correntes filosóficas e pseudocientíficas que cresciam em sua época, se faz tão necessário quanto se faz presente estas ainda hoje.

Poder reencontrar a exigência da autotranscendência e o convite a uma vivência pura e benevolente de amor, que são respostas e antídoto a uma sociedade que, por vezes, parece exaltar atitudes subjetivistas e utilitaristas. Frente a esse processo de coisificação que se mostra nas relações interpessoais, aproximar esses autores parece ser somar forças, de dois grandes homens, para apresentar uma filosofia sadia, bem fundamentada, honesta e que convida a uma resposta responsável frente a um mundo que preza cada vez mais pela liberdade. E no que diz respeito à liberdade, é sabido que, se essa não for vivida, como dizia Frankl, nos termos de uma responsabilidade, corrompe-se em mera arbitrariedade e, assim caminha para uma nefasta libertinagem moral.

Se de um lado, encontra-se categoricamente Frankl que convida a sair de si mesmo, de outro, se depara com Wojtyła, que oferece o amor como apelo e convite ao sair. E ambos parecem concordar que, neste caminho, de saída e de amor, longe de se perder; acontece um encontro consigo mesmo, sendo, desse modo, mais autenticamente homem.

Se em Frankl encontra-se esse “esquecer-se de si mesmo”, em Wojtyła vê-se o “não buscar o bem para mim e tão somente meus interesses próprios”. E, nessa atitude, que a princípio pode soar de modo estranho e até parecer algo doentio, de fuga ou negligência de si mesmo, ascético e sacrificial demais para os moldes atuais, é que encontra-se a realização humana, a maturidade da sexualidade do homem, o encontro mais sincero consigo mesmo e a alegria em poder ser dom.

Assim sendo, pode-se dizer que aproximar Wojtyła e Frankl é uma forma de apelar à consciência humana, uma vez que trilha-se uma estrada para sair do comodismo e ir para além de si mesmo. E, ao mesmo tempo que convida ao movimento, aponta um destino, e este parece ser seguro e propriamente humano.

Wojtyła dizia aos seus ouvintes que a pior prisão é um coração fechado, e Frankl lembra a todo momento que a essência da existência humana é a autotranscendência. Para eles, estava claro que a existência exige ser para fora de si mesma, mas não somente isso, esse anseio e essa possibilidade é o que faz ir ao encontro do amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, R. KAROL WOJTYLA, VIKTOR FRANKL, Y UNA SOLA PASIÓN POR LA PERSONA. Disponível em < <http://www.robertoalmada.it/userfiles/file/WOJTYLA>>. Acesso em 10 Setembro 2015
- FRANKL, V. E. La Psicoterapia em la practica medica. Buenos Aires: Platin, 1955.
- _____, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- _____, V. E. *La voluntad de sentido*. Barcelona: Herder, 2002.
- _____, V. E. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2003.
- _____, V. E. *Um Sentido Para a Vida*. Psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ed. Ideias e Letras, 2005.
- _____, V. E. *Em Busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- _____, V.E. O que não está escrito nos meus livros. São Paulo. Ed. É realizações. 2010.
- _____, V. E. *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.
- _____, V. E. *Um Sentido para a Vida*. Psicoterapia e Humanismo. São Paulo. Ed. Quadrante, 2014.
- _____, V.E. Sede de Sentido. São Paulo. Ed. Quadrante, 2015.
- WEST, C. Teologia do Corpo para principiantes, Uma introdução básica à Revolução Sexual por João Paulo II. Trad. Cláudio A. Cassola. Ed. Myrian: Porto Alegre, 2008.
- WOJTYLA, K. *Amor e responsabilidade: Moral sexual e vida interpessoal*. Livraria Editora Pax- Braga. 1979.
- _____, K. *Exortação Apostólica Christifideles Laici: sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- _____, K. *Carta encíclica Veritatis Splendor*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.
- _____, K. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994.
- _____, K. *Evangelium vitae: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. Roma, 1995.
- _____, K. *Homem e mulher o criou: catequese sobre o amor humano*. Bauru: Edusc, 2005.
- _____, K. *A missão da família cristã no mundo de hoje*. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____, K. *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*. Campinas: Ed. Ecclesiae, 2014.